

**ESTRATÉGIAS DE PREDICAÇÃO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO
DE ESCRITA DE UM SUJEITO: UM ACOMPANHAMENTO
LONGITUDINAL DA EMERGÊNCIA DE UMA MARCA DE ESTILO**

Larissa Picinato MAZUCHELLI
(Orientadora): Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre

RESUMO: Esse trabalho apresenta alguns resultados da investigação sobre a emergência dos recursos de predicação no contexto da história individual da aquisição de escrita de M.L.. O estudo baseou-se em dados de um *corpus* longitudinal, constituído de centenas de escritas produzidas por M.L. em ambientes escolar e doméstico – desde a pré-escola até o Ensino Médio, incluindo uma obra literária publicada em 1998 – e que faz parte do Projeto Integrado de Pesquisa financiado pelo CNPQ: “A relevância teórica dos dados singulares no processo de aquisição da linguagem escrita”, coordenado por Maria Bernadete M. Abaurre e desenvolvido no IEL/Unicamp de 1992 a 2005. É por meio desse *corpus* que analisamos o caminho de predicação de M.L. na emergência de seu estilo, como forma de manifestação de seu *querer-dizer* (Bakhtin, 1953), de suas *intenções discursivas* (Possenti, 2001).

Palavras-chave: lingüística – aquisição de escrita – paradigma indiciário – predicação – estilo

Introdução

Propusemo-nos, ao longo desse trabalho, a investigar (i) os recursos de M.L. para predicar e a maneira como eles foram sendo utilizados ao longo do processo de aquisição de escrita, (ii) o modo como essas formas de predicar caracterizam sua construção de autoria e estilo e (iii) como os dados acerca dos modos de predicar do sujeito poderiam relacionar-se à hipótese de que a ironia é um de seus traços estilísticos¹.

Assumimos, durante o desenvolvimento dessa investigação, uma concepção sócio-histórica de linguagem, vista como lugar de interação de sujeitos (Franchi, 1977) e, portanto, como trabalho/atividade constitutivo da subjetividade/alteridade.

Além disso, para a análise qualitativa dos dados selecionados, adotamos a proposta do paradigma indiciário de Ginzburg (1986), associado a procedimentos abduativos de investigação, por acreditarmos que o estudo qualitativo dos processos de aquisição de escrita, ao priorizar particularidades

¹. Marca estilística já discutida em trabalhos anteriores (Abaurre, 1997, 2003).

de histórias individuais, contribui de maneira significativa para a compreensão dos fenômenos envolvidos (Abaurre, 2004).

Buscamos articular a essa metodologia uma análise semântica dos dados fundamentada em Halliday (1985) por julgarmos ser necessária para uma visão mais integrada dos fenômenos que analisamos², uma semântica que associasse condições e informações lingüísticas e não-lingüísticas.

Ademais, articulamos a essa análise semântica uma interpretação que leva em conta as teorias enunciativas de estilo de Possenti (1988) - em que estilo é entendido como a seleção de recursos lingüísticos a partir das possibilidades oferecidas pela língua - e de gêneros do discurso de Bakhtin (1953) - em que esses são concebidos como *tipos relativamente estáveis de enunciados*.

É, então, no interior dos gêneros discursivos, em vínculo direto com seus estilos próprios, que buscamos os indícios da emergência de estilo de M.L., sendo a construção do estilo individual o que nos permitirá falar em construção do autor.

O Sujeito

O sujeito dessa pesquisa, M.L., é do sexo feminino, filha de pais letrados e professores universitários.

Segundo Abaurre (1997), M.L. apresentou um interesse precoce por atividades de leitura e escrita, o que inclui pedidos para que a mãe escrevesse as histórias que criava oralmente. Esse interesse fez com que a mãe iniciasse uma coleta de todas as escritas produzidas em casa e, posteriormente, as produzidas na escola.

A análise de uma dessas produções orais, que será apresentada a seguir, sugere que, durante o processo de criação, M.L. construiu e ocupou seu lugar de autoria com a introdução de elementos que ao longo do processo de aquisição de escrita tornaram-se marcas individuais.

É interessante observar que algumas características das produções escritas de M.L., desenvolvidas e aprimoradas ao longo de seu processo de aquisição da linguagem escrita, não aparecem de maneira significativa nas produções escritas da mesma época das produções ditadas para a mãe, como podemos observar nesses dois exemplos:

². Consideramos que o trabalho de Halliday (1985) é interessante à análise a que nos propomos por ter estendido o processo de transferência de significado das palavras às relações entre constituintes do enunciado, incluindo uma alteração nas relações semântico-estruturais.

Texto 1: 1982; Pré-Escola; escrita espontânea como resposta a uma carta endereçada à tia que morava em outra cidade.

carta a Lulu: lulu você é bonita
lulu você tem uma bola bonita
lá na casa de lulu tem a mala

Texto 2: 1982; Pré-Escola; texto ditado para ser escrito

A Floresta

Mogli estava na floresta. De repente Balu chegou com a notícia que nasceu um lindo **filhotinho** de jaguatirica. O macaco Jandão, quando soube da notícia, pulou de árvore em árvore para ir ver o **filhotinho**. Mogli contou para os meninos e para uma menina. Todos foram lá, o **filhotinho** acabou nascendo. Que linda menina! Todos amaram ela. Até Mogli. Carregou-la no colo, botou num **bercinho** de plantas feito pelas árvores. (a) Assim todos deram adeus, daquela noite em diante o bebê foi crescendo.

O dado (1) é exemplo de um momento em que M.L., ao vivenciar na escola o início do processo de alfabetização, vê-se limitada com relação às possibilidades de escolhas lexicais, de desenvolvimento e estruturação de sua produção textual. Devido a essas limitações, M.L. não ocupou significativamente o lugar de autoria, como ocorre com a produção oral criada por ela na mesma época.

No exemplo (2) podemos observar, então, o uso significativo de recursos lingüísticos na elaboração textual, como a utilização do diminutivo para a descrição do filhote de jaguatirica e do tipo de berço em que este ficaria. Esse trabalho com o acréscimo de sufixos garante o efeito de sentido desejado por M.L.: salientar as características consideradas importantes para a descrição da personagem principal e do momento narrado, como o tamanho do filhote, seu nascimento e sua fragilidade frente à imensidão da floresta.

Outra característica interessante nesse exemplo (2) é o modo como M.L. resolve a história (a). Essa maneira de finalizar a narração quebra a expectativa do leitor, criando certo efeito cômico para o final do evento narrativo.

É evidente que as duas produções são expressivamente destoantes do ponto de vista da elaboração da história. Contudo, a divergência entre as duas produções reforça a idéia de que autoria e estilo não são características

decorrentes, necessariamente, da alfabetização, como se acreditava³. A história de M.L., narrada oralmente, se mostra coerente e apresenta, de maneira peculiar, a utilização de elementos a favor da organização textual e de seu *querer-dizer* (Bakhtin, 1953).

O que pretendemos com esses dois exemplos é mostrar que é possível observar, já nas primeiras produções de M.L., um trabalho singular com a linguagem. Além disso, queremos mostrar nosso interesse em abandonar a dicotomia oral/escrito, que sustenta haver um abismo entre as duas formas, e reforçar a idéia de que o modo como a exposição à escrita acontece⁴, no sentido de haver ou não uma continuidade entre as duas formas nas práticas de letramento familiar e escolar, é decisiva para a eficácia do desenvolvimento da escrita – já que esse processo pode vir a não acontecer plenamente caso o sujeito não as signifique (Rojo, 1998).

Nesse sentido, é interessante notar que o pedido de M.L. para que a mãe escrevesse suas histórias sugere que a escrita foi significada por ela antes mesmo de sua escolarização ter sido iniciada. Assim, o exemplo (1) indica apenas o momento em que M.L. está se familiarizando com a produção escrita, o que não representa um indício de uma “grande divisão” entre as formas, oral e escrita.

Isso pode ser observado a partir do fato de que, após um ano de alfabetização, as marcas do trabalho com a predicação, por exemplo, começam a aparecer de maneira singular nas produções escritas, sofisticando-se ao longo do processo de aquisição de escrita.

Essa autonomia que M.L. sempre manteve com relação à escrita pode ser considerada resultado tanto de seu interesse precoce, bem como da eficácia do tipo de letramento a que foi exposta, já que sempre foi estimulada a escrever textos em que pudesse se colocar como autora, como as cartas a parentes e convites de aniversário que ela mesma escreveu por incentivo dos pais.

Alguns Eventos Singulares de Predicação de M.L.

Apresentamos, aqui, dados de M.L. que compreendem algumas produções da Pré-Escola ao Ensino Médio, incluindo um trecho do livro por ela publicado.

³. Durante muito tempo afirmou-se haver uma superioridade cognitiva do conhecimento escrito em detrimento do oral (grafocentrismo) e, conseqüentemente, negava-se a possibilidade de haver autoria em produções orais (Signorini, 2001)

⁴. A exposição acontece através das práticas e eventos de letramento, definidos por Marcuschi (2003), respectivamente, como modo sociocultural de uso do letramento e atividades situacionais em que a escrita integra a natureza das interações dos participantes. O autor apresenta como exemplo a produção (evento) e a discussão (prática) de uma carta pessoal.

Ao longo da investigação, não nos preocupamos demasiadamente com a quantidade de dados ou com a apresentação de quantidades iguais (ou aproximadas) de períodos diferentes, dada a natureza da discussão que nos propusemos fazer. Na primeira etapa da investigação, muitos dados foram selecionados, mas apresentamos aqui somente aqueles que consideramos mais interessantes por sua singularidade, permitindo melhor observar algumas características do trabalho do sujeito ao longo do processo de aquisição de escrita.

Além disso, considerando-se nossa proposta inicial, optamos por não analisar todo o romance de M.L., dado o tempo que seria necessário para o cumprimento apropriado dessa tarefa.

Apesar disso, acreditamos que a análise da *Apresentação* de seu romance (dado 7) é suficiente para ilustrar a riqueza das escolhas predicativas de nosso sujeito em um momento em que a aquisição da linguagem escrita já se efetivou.

É necessário dizer ainda que não partimos de hipóteses explicativas prévias a serem confirmadas ou infirmadas, mas apenas do interesse em explorar pistas que permitam formular hipóteses sobre os modos de predicar deste sujeito.

Texto 3 (1983; 1ª série; produção escolar)

Era uma vez um passarinho
(a) **que namorava** uma (b) **passarinha**
Eles namoravam em um galho
de pessegueiro. Um dia nasceu
um lindo (c) **filhotinho** todo (d) **fofinho**

Podemos observar nesse texto (3) que M.L. usa de maneira especial a forma diminutiva para a descrição de suas personagens e para criar no leitor uma sensação de empatia com relação à situação narrada.

O uso de diminutivos não só intensifica a característica de pequeno presente em “filhote” (c) e em “fofo” (d), mas evidencia em (b) uma mudança nas características do argumento de “namorar”, como maneira, podemos supor, de criar um fenômeno de similaridade feminino/masculino, já que os componentes semânticos básicos de “passarinho” não incluem “feminino”.

M.L. faz uso ainda de uma oração relativa (a) que não indica ação, ou seja, em que os componentes semânticos de “namorar” foram mudados situacionalmente (Halliday, 1985) para indicar a “qualidade de ser namorado” e não a característica de “predicador não-estativo”.

É interessante salientar que esse trabalho com a forma diminutiva e com o uso da oração relativa descreve e evidencia características importantes para a construção da história do namoro de dois passarinhos, que é inclusive resolvida,

de forma simples e repentina, com o nascimento de um filhote.

Texto 4 (1985; 3ª série; escrita espontânea; crônica)

Antigamente as garotas se chamavam (a) **gatona** e eram todas do tipo (b) **ui ui ui**. Elas compretavam anos, al todo 18, os rapases, apesar de não ser (c) **gatões**, ele (1) paqueravam as **gatas** e se a paquera não desse certo eles ficavam muitos meses **ma foça**; E se levam fora, o geito era **se mancar** e partir para outra. E quando as pessoas

coriam é porque estavam apre-ssados, e espertos. E algumas pessoas (d) **chutavam a sorte**. o que não empedia que nesse meio tempo alguns levavam fora. E encontravam alguem que trambicasseos, de depois dava no pé e os velhos, depois do **rango** faziam a digestão e iam tomar um (e) **arzinho**; e também tinham um certo cuidado

Nesse exemplo (4), observamos que M.L., ao analisar o relacionamento e o comportamento dos jovens, também recorre ao uso de afixos de maneira singular, mas, diferentemente dos exemplos apresentados anteriormente, ela usa o aumentativo como em “gatona” (a) e “gatoes” (c) para qualificar e intensificar as características dos substantivos modificados.

É importante notar que a transferência momentânea dos traços semânticos de (a) e (c) de “não-humano” para “humano” gera uma readaptação dos componentes semânticos de todos os elementos lingüísticos relacionados a (a) e (c), como em “paqueravam” (1).

É interessante observar que a escolha pelo aumentativo dá ao texto um tom de informalidade e gracejo que não esconde, contudo, o olhar crítico que possibilitou analisar esses fatos dessa maneira. O uso de uma onomatopéia (b) como qualificador de “garotas”, referindo-se a garotas tidas como “frescas”, “que chamam a atenção” também reforça a crítica por meio da irreverência.

A escolha lexical de M.L. também se torna interessante ao notarmos que ela se apropria de algumas expressões marcadas de um grupo social jovem, como “gatas”, “ma foça” (“na fossa”), “se mancar” e “rango” para garantir a jocosidade do texto. Nesse sentido, é curioso observar que ao se apropriar dessas expressões, M.L. acaba combinando as expressões “chutar o balde” e “jogar a sorte” em (d), o que reforça a comicidade do texto. Além disso, o uso do diminutivo em “arzinho” em (e) também segue esse tom analítico e brincalhão.

Texto 5 (1987; 5ª série; escrita espontânea, diário pessoal)

Campinas 1º de abril de 1987

(a) **Tristes**

Querido diário infelizmente hoje eu vou para o pólo norte e por isso vou te queimar e te jogar no Lixão municipal e hoje eu vou descolar a página municipal tchau para sempre.
L.

Texto 6 (1987; 5ª série; escrita espontânea: diário pessoal)

Campinas 2º de abril de 1987

(b) **HA! HA! HA!!!!**

Preguei um susto em você não é! aquilo era tudo mentira, olhe a data ontem era 1º de abril. Bom vamos esquecer ontem e vou contar de hoje, os garotos da minha classe eles formaram um grupo de rock com umas músicas chocantes Bom acho que tchau

Os textos (5) e (6) são evidências interessantes do trabalho de M.L., primeiro pelo tema proposto. Trata-se de textos do diário pessoal em que o sujeito prega uma peça no diário, seu interlocutor. M.L. inicia o texto (5) com a descrição de seu estado emocional por meio de um adjetivo (a) e passa a esclarecer as razões que a levaram a se sentir assim, sua viagem ao Pólo Norte e a conseqüente destruição do diário.

O texto do dia seguinte (6) é iniciado com uma onomatopéia (com letras garrafais para intensificá-la), cujo objetivo é quebrar o teor de despedida e seriedade do texto do dia anterior, mas que se revela também como qualificador do sentimento de M.L., criando um paralelismo com o texto (5).

M.L. explica, então, sua brincadeira e pede para seu interlocutor esquecer o ocorrido, já que a brincadeira se justificava pelo dia do texto anterior (dia da mentira), seguindo rapidamente para outro tema, quebrando abruptamente o desenvolvimento da narrativa e reforçando o caráter brincalhão dos textos.

Texto 7 (*Apresentação; Romance Cartas ao Abismo: o desbarato total da existência*⁵, publicado em 1998)

Se porventura algum leitor interessar-se em ler estas páginas, gostaria de informar-lhes que este não é, nem sonha ser um romance; não é uma história contada através do artifício das correspondências. Também não é um tratado de filosofia, ou um livro de auto-ajuda. (a) **Nem ficção, nem realidade.** Trata-se de um intermeio. São cartas fictícias, escritas por uma personagem que nem sequer na ficção foi capaz de enviá-las. Mas ela as escreveu, pois foi-lhe absolutamente necessário escrevê-las... Essa personagem (b) **por vezes existe**, aqui neste lugar onde se vive. (b1) **Por vezes não.** Cada carta retrata uma cena do nascimento ou da morte de Luiza. Algumas cartas são carregadas da dor de (c) **morrer**, de desconstruir-se, de dar-se conta do absurdo desagradável que é ser humano, nas condições que nos fazem crer necessárias. Outras, são parte de um (c1) **nascer-ser vivo.** Muito mais que humana, com todos os adjetivos que esta condição passou a carregar através de milênios Luiza simplesmente queria ser, sentir, estar viva. Com toda a força, de prazer de estar aí, ainda que o mundo fosse a negação disso. E Luiza nasceu para si, em segredo, e com muita dor de parir-se sozinha, abandonada, em lugares que nem sequer estão no mapa. E com mais dor ainda voltou ao mundo que ela negara ao nascer, e com o qual teve de aprender a conviver com seu segredo individual, inefável, frente à enorme negação de ser-se que é a sociedade dos homens com suas manadas. Ela encontrou-se com o mundo como o (d) **céu** encontra-se com o (d1) **mar**, no encontro de dois infinitos que se unificam na retina dos homens. Mas que nunca, na verdade, se misturam...

Assim, foi um longo aprendizado, o seu, que nem de longe veio a se completar. As cartas são também resquícios desse aprendizado. Foram escritas para destinatários com quem ela dialogou para aprender a estar aí: escritores, poetas, cantoras, cães, e, principalmente, seu (f) **par-ímpar.** E foram escritas pois o que se escreve não se esquece, e ela precisava sempre que caminhar mais e mais, e era importante poder saber “em que ponto mesmo tinha parado?” ainda que nos momentos de tocar com as mãos o seu deus, ela não se lembrasse de nada escrito. A escrita era para ser lida quando não se vivesse, para poder relembrar na boca o gosto da coisa viva; que, mesmo disfarçada nos momentos em que o cotidiano humano predominasse, estava nela.

Esse último texto que apresentamos representa, como já foi dito anteriormente, um momento em que o processo de aquisição de escrita de M.L. já se efetivou, em que a predicação se manifesta de maneira plena.

O primeiro aspecto que notamos ao analisar esse dado (7) é o uso de

⁵. Gnerre, 1988.

substantivos para evidenciar as qualidades do próprio texto através da oposição de certas características, por exemplo, “nem ficção, nem realidade” (a). M.L. utiliza esse recurso para, de maneira semelhante, caracterizar a sua personagem principal, “por vezes existe” (b); “Por vezes não” (b1), seu sentimentos em relação ao mundo e consigo mesma, como em “morrer” (c), “nascer-ser vivo” (c1); “céu” (d), “mar” (d1); “par-ímpar” (f).

É interessante observar que o uso desses substantivos, em oposição, para a predicação do texto, da personagem principal e de sua relação com o mundo e consigo contribui para que o leitor divida com a personagem principal os sentimentos de abandono, desamparo e angústia.

Além disso, o uso dessas oposições acontece de forma abrupta. O fato de ocorrerem por vezes em seqüência contribui para a sensação de estranhamento e vazio presente ao longo do texto.

Outro fato interessante no uso dessas expressões para a construção do efeito de sentido desejado por M.L. é a criação de dois substantivos “nascer-ser” (c) e “par-ímpar” (f) que agregam em si e irradiam para o texto as idéias, respectivamente, de que nascer simplesmente não basta, é necessário ser vivo e da singularidade através da oposição.

Alguns Aspectos da Predicação e Construção de Estilo Individual e Autoria

A possibilidade de dados da escrita inicial serem tomados como representativos do desenvolvimento de um estilo particular no trabalho de um sujeito com a linguagem, ao longo de seu processo de aquisição da linguagem, já foi discutida em trabalhos anteriores, como em Abaurre (1997).

Nesse trabalho, Abaurre chama a atenção para uma distinção importante a ser feita entre o estudo de eventos singulares que devem ser tomados como meramente episódicos e o estudo voltado para a constituição de uma singularidade estilística.

Tendo em vista, então, o que procuramos tematizar nessa pesquisa, a identificação de indícios de desenvolvimento de um estilo a partir do modo de predicação de M.L., acreditamos que o que é capaz de identificar o sujeito na sua escrita é o trabalho com determinados elementos com o intuito de criar os efeitos de sentido por ela desejados, sejam eles mais sérios, mais irreverentes ou cômicos.

Ao retornarmos, assim, aos textos apresentados, observamos que alguns dados apresentam características que poderíamos dizer serem irreverentes e brincalhonas, além de irônicas, como nos dados (4), (5) e (6). Outros procuram criar e explorar a empatia com a personagem principal ou com a situação descrita, como nos dados (2), (3) e outros ainda apresentam um teor mais denso

como o dado (7) em que o olhar cômico e o tom jocoso dos textos anteriores como o (4) parecem ter se desenvolvido para um olhar crítico e sério.

Esses efeitos de sentido foram construídos a partir do trabalho de M.L. com certos elementos que agora podemos supor serem não somente marcas estilísticas, mas evidências de que o sujeito ocupou, de maneira eficaz, sua posição de autor.

Com isso em mente, listamos algumas marcas que consideramos serem representativas do estilo individual de M.L. constituído ao longo de seu processo de aquisição de escrita e que representam o trabalho do sujeito a favor de seu *querer-dizer*:

1. O uso de diminutivo em substantivos, adjetivos e/ou advérbios para construção de empatia com a personagem ou com a situação narrada:
 - “filhotinho”, “bercinho” (dado 2);
 - “passarinha”, “filhotinho”, “fofinho” (dado 3);
2. O uso do diminutivo para ironizar aspectos do texto: “arzinho” (dado 4);

O uso do diminutivo é, sem dúvida, como observamos, a partir da análise dos dados, um recurso que M.L. utilizou ao longo dos anos para criar efeitos de sentido diversos: irreverência e afetuosidade, piedade e compaixão.

Além disso, observamos:

3. A escolha por temas irreverentes, como o comportamento afetivo dos jovens (dado 4) ou a brincadeira com o diário, dados (5) e (6);
4. A mudança repentina de idéias ou o fim abrupto da própria narrativa que criam a sensação de estranhamento e comicidade, como nos dados (2), (3) e (6).

A ruptura, especificamente, parece-nos ser um recurso muito produtivo para a adequação da intenção discursiva de M.L. à elaboração textual. O fim repentino, já discutido nas análises dos dados, parece ter se sofisticado ao longo do processo de aquisição de escrita de M.L. a ponto de ser incorporado à predicação no texto (7): o modo como o sujeito utilizou substantivos para predicar o romance, a personagem e sua relação com o mundo e consigo é realizado através de oposições que sugerem uma mudança brusca na predicação, com oposições bruscas, como as soluções para suas histórias iniciais que ora mudavam repentinamente de direção, ora eram resolvidas abruptamente.

E mais:

5. A apropriação/manipulação de expressões marcadas: “era uma vez” (3), “ma foca” (na fossa) e “chutavam a sorte”, “gata”, “rango”, “se mancar” (4);
6. O uso de substantivos como predicadores: “morrer”, “ser-vivo”, “nem ficção, nem realidade”, “céu”, “mar”, “par-ímpar” (7);
7. O uso de aumentativo para criar um tom irreverente como “gatona”, “gatoes” (4);
8. O uso de onomatopéias como “ui ui ui” (4) e “HA! HA! HA!!!!” (6);
9. O uso de orações cujo caráter é predicativo: “que só falava palavrão” (7) “não tinha identidade”, “que já havia matado”, “não desistia” (12);
10. O trabalho de predicação que teve como conseqüência uma mudança situacional dos componentes semânticos como em (3) e (4).

Todos esses elementos são evidências do trabalho predicativo de M.L. ao longo do processo de aquisição de escrita e sugerem que essas escolhas, a princípio situacionais, tornaram-se marcas significativas não somente do modo de pregar de M.L., mas de seu estilo individual.

Considerações Finais

A análise dos episódios singulares da predicação de M.L., selecionados a partir do *corpus* do projeto a que este trabalho se filia, permite-nos afirmar que esse sujeito vai se constituindo como autônomo, frente à linguagem, ao longo do processo de aquisição de escrita. Observamos que M.L. vai se constituindo como sujeito da linguagem criando suas marcas de autoria ao longo dos anos.

A maneira de pregar de M.L., apesar de modificar-se ao longo do tempo, mantém certas características como a irreverência, observada logo nos primeiros textos produzidos por ela. A comicidade se torna menos óbvia, sofisticando-se até revelar um olhar irônico e crítico de M.L. como nos dados (4), e (7).

É evidente que a predicação é uma questão a ser desenvolvida mais profundamente, mas pudemos observar que a análise dos eventos singulares reafirmam a possibilidade de trabalhar com esse tipo de *corpus* com vistas à caracterização da emergência e construção de estilo de nosso sujeito.

Referências Bibliográficas:

- ABAURRE, M. B. M. (1993). Explorando os limites da sistematicidade: indícios da emergência de traços estilísticos na escrita infantil. In: *Estudos Lingüísticos, XXII. Anais de Seminários do GEL*. Ribeirão Preto, SP.
- _____. (2003). A emergência do estilo: o percurso de construção da ironia. In: *VIII Simpósio Internacional de Comunicacion Social, 2003, Santiago de Cuba*. Actas: Centro de

- Linguística Aplicada / Ministério de Ciência, Tecnologia y Medio Ambiente.
- ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (1997). *Cenas de Aquisição da Escrita: O Trabalho do Sujeito Com O Texto*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____. (2003). *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas: Komedi.
- ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. (2004). A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da escrita. In: *VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*.
- BAKHTIN, M. M.(1953). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem: atividade constitutiva. In: *Almanaque 5*. São Paulo: Brasiliense
- GINZBURG, C. (1939). Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- GNERRE, M. L. A. (1998). *Cartas ao Abismo: o desbarato total da existência*,
- HALLIDAY, M.A.K. (1985). *An Introduction to Functional Grammar*. Londres, E. Arnold
- MARCUSCHI, L. A. (2003). *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez
- POSSENTI, S. (2001). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
- ROJO, R. (org) (1998). *Alfabetização e Letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras
- SIGNORINI, I. (org.) (2001). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*, Campinas, SP: Mercado das Letras.